

"Somos
resistentes e
gaiatos – mais
gaiatos que
resistentes, é
verdade – mas o
que se sobressai
é a teimosia de
lutar contra
uma natureza
que não
ajuda."

Tão certo quanto afirmar que Roma não se fez num dia é reconhecer que nem em 400 anos conseguimos forjar uma civilização da qual pudéssemos nos orgulhar.

Passados quatro séculos severinos, o Ceará segue sua sina de terra da luz sob a tutela das lamparinas. Estado das mudanças mergulhado no servilismo de muitos, no privilégio de poucos e na indolência de todos. Seria esta uma boa razão para ignorar a efeméride e deixar a data passar em branco? As Edições Demócrito Rocha acham que não.

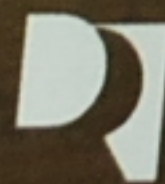
Ao longo dos 26 ensaios de *bonito pra chover* o leitor vai ver a nossa história e indolência expostas como raras vezes se viu. Elas estão tanto no primeiro Martim Moreno que passou por aqui, conheceu Iracema biblicamente e partiu, como no último Raimundo Nonato que acabou de nascer na porta da Maternidade-escola. Ou no terminal do Tabapuá.

É esta indolência que acaba sendo a nossa principal característica. Somos resistentes e gaiatos – mais gaiatos que resistentes, é verdade – mas o que se sobressai é a teimosia de lutar contra uma natureza que não ajuda. De partir quando menos se espera.

Gilmar de Carvalho
• organizador

bonito pra chover
ensaios sobre a cultura cearense

Sertão:
planura quebrada
pelos lajedos de
onde brotam
mandacarus,
cenário de um
plano sequência
glauberiano, com
seus jagunços ou
beatos.



le: dinâmicas
(Doutorado) -
dia no Brasil.
Arléa, 1995.

Índios no Ceará: cultura, política e identidade

Isabelle Braz Peixoto da Silva

A afirmação de que não existem mais índios no Ceará contemporâneo é muito freqüente, como de resto em todo o Nordeste. Muitos se dizem indignados frente ao que chamam de "encenação", os atos públicos nos quais os índios contemporâneos buscam interagir e conquistar adesões à sua causa, via de regra trajando uma indumentária que remete ao índio pré-colonial, adequando-se a uma imagem de índio que estamos acostumados a cultivar, aprendida e apreendida nos primeiros anos da vida escolar. Mesmo nos meios mais intelectualizados é comum ouvirmos que o movimento indígena nessa região¹ não passa de um disfarce da luta pela terra, comum aos expropriados do campo e propiciada pela Constituição em vigor desde 1988. Esquecem, no entanto, que aquilo que a Constituição expressa representa uma conquista, certamente uma das mais importantes de um longo movimento, nunca uma proveitosa cortesia de um Estado dadivosos.

¹ Para uma reflexão ampla e consistente sobre o movimento indígena contemporâneo no Nordeste, ver Oliveira, 1995. Idem, 1998. Idem, 1999.